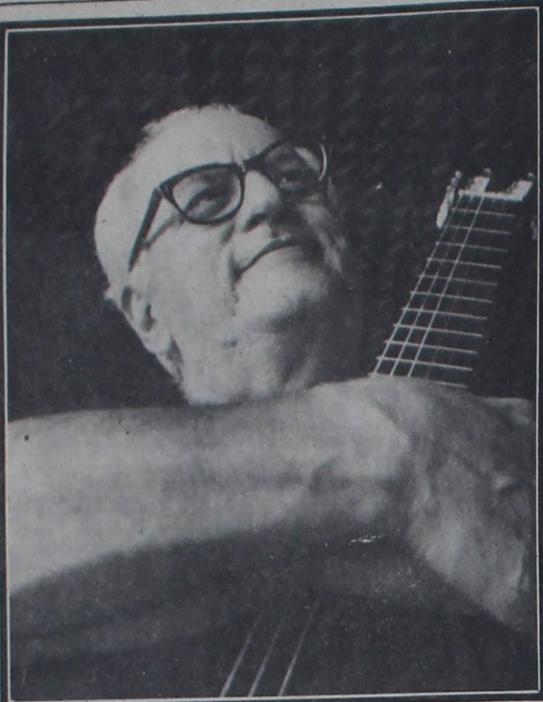


Era uma vez um tempo de festa...

Pesquisa e texto de Jonas Reis



No final dos anos 50, Mauricio de Oliveira atuava na Rádio Espírito Santo...

Bico e Biquinho cantaram no programa **Luar do Sertão**, de Sebastião Rabelo, e eles próprios fizeram depois **Anoitecer no Sertão** e **Sertão em Festa**.

Na área do teatro local, o ano de posse de JK na Presidência marcou a montagem em Vitória das peças **Compra-se um Marido**, de José Wanderley e Mário Lago, e **O Outro André**, de Correia Varella. Ambas foram montadas pelo Teatro Escola de Vitória. O mesmo grupo montaria, em 1957, **O Beijo no Asfalto**, de Nelson Rodrigues. **A Professorinha**, de Dario Nico-demus, e **O Mártir do Calvário**, de Eduardo Garrido, que voltaria nos anos seguintes, até 1962.

O teatro capixaba seria representado ainda por esse grupo em 1958 e 1959, com as montagens de **A Víbora da Cruz**, de Eurico Souza Cruz, e **Auto de Natal**, de Lúcia Benedetti, além de **Meu Destino é Pecar**, de Eurico Souza Silva. Em 1960, o Teatro Escola de Vitória voltaria à cena com **Branca de Neve e os Sete Anões**, e com **Cimbita e o Dragão**, ambas de Lúcia Benedetti. Além dessas duas peças, o grupo montou ainda o **Chapeuzinho Vermelho**, de Paulo Magalhães, e **O Casaco Encantado**.

Foi nessa época que o diretor teatral Paulo de Paula iniciou suas atividades artísticas em Vitória, com o grupo Teatro Universitário Capixaba (TUC). Eles montaram **O Boi e o Burro a Caminho de Belém**, de Maria Clara Machado, no auditório do Colégio Americano de Vitória. Também em 1960 fizeram **Shakespeare em Preto e Branco**, uma colagem de diversas cenas de Shakespeare, em português e inglês, levada no auditório da Faculdade de Filosofia.

Em 1961 o teatro local mostrou **O Gato de Botas**, de Geysa de Bóscoli; **Pluft, o Fantasminha**, de Maria Clara Machado; e **Procura-se uma Rosa**, de Pedro Bloch, esta encenada no Teatro São José, em Alegre. No mesmo ano foi montada uma das maiores promoções teatrais do Estado: **A Vida de Cristo**, montada pela comunidade de São Roque, em Santa Teresa, sob a direção de José Regatieri.

tor cego José Barbosa e Valter no acordeão; o regional de Mauricio de Oliveira, com seu irmão José; Dario do Pandeiro, Chiquinho do acordeão; o baterista Betinho; Dezinho e seu violão elétrico; Duca e Manoel nos contrabaixos.

A dupla **Bico e Biquinho** trazia a euforia maior, e ninguém conhecia os dois pelos nomes de Heraldo Inocêncio da Silva e Antônio Xisto da Silva. Eles se apresentavam como violeiros e cantadores e acabaram permanecendo no Estado, depois de chegarem aqui com planos de seguir para São Paulo.

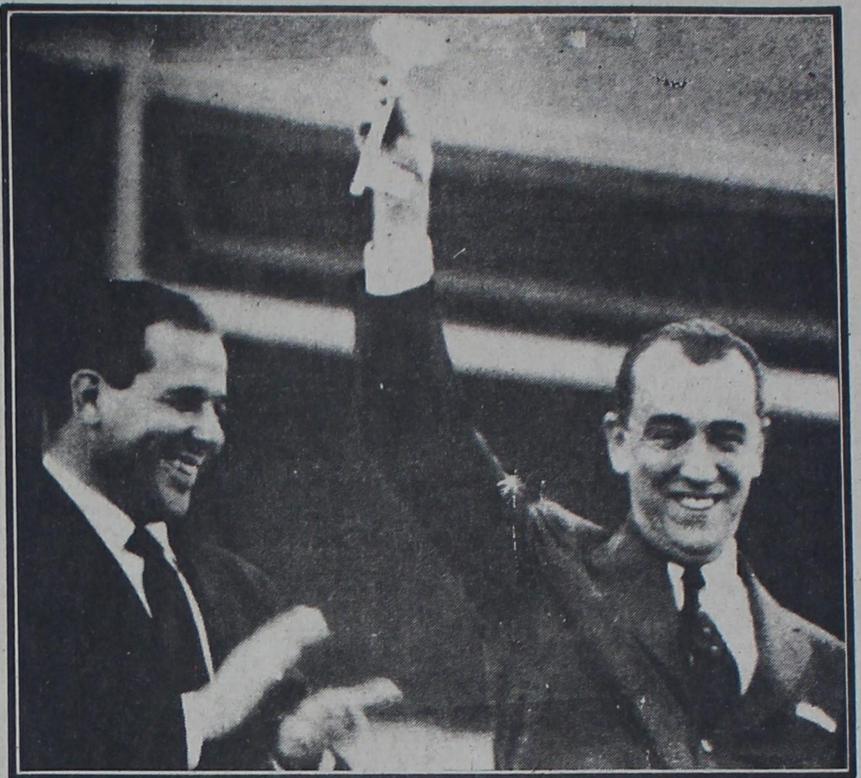
contista Fernando Tagiba lembra momentos da música capixaba que marcaram a vida de Vitória no final da década de 50, tempo de JK. Essa lembrança começa retratando um sobrado amarelo, na rua Araribóia, antigo Mercado da Capixaba. Ali ficava a antiga Rádio Espírito Santo, que transmitia "A Voz de Canaã". Naquele sobrado, um imenso auditório, tarde de uma quarta-feira qualquer, recebia uma multidão, gente vinda de bairros, gente vinda de longe.

Uma platéia barulhenta, centenas de pessoas espremidas à espera do programa **Caravana da Alegria**, do animador Mário Jager. Quem abria o show era José Avelino, conhecido como "o pintor alegre da cidade". Ele já aparecia no palco imitando o cantor Jorge Veiga. Depois era a vez de Maria Cibele, famosa. A orquestra da época, PRI-9, era comandada por Múndico. Cantava a sambista Esmeralda Gonçalves, e se apresentavam também Marli Brasil, Maria José — a sertaneja — imitando Vanja Orico. E se sucediam humoristas, instrumentistas, mímicos, regionais.

Havia a música de Nestor Lima e Luís Denaday, Cicero Dantas e seu cavaquinho, o can-



...e Paulo de Paula montava Shakespeare e Suassuna no Colégio Americano



Juscelino, com Jango, em palanque: carisma e popularidade

A história do presidente

Juscelino Kubitschek realizou um governo que, como não poderia deixar de ser, tem seus defensores e críticos. Uma das maiores defesas de seu trabalho foi feita pela historiadora Maria Victoria de Mesquita Benevides, que classificou o período de JK como de "desenvolvimento econômico e estabilidade política". Mas há os que responsabilizam o ex-presidente de ter sido o precursor do movimento de 1964, pelo desempenho que teve em Brasília.

Mas, 30 anos após o início de seu governo, Juscelino continua sendo lembrado. Ele nasceu no dia 12 de setembro de 1900, em Diamantina, uma cidade mineira famosa por suas serenatas. Depois de ter se formado em Medicina, com cursos de especialização na França e Alemanha, surgiu para a vida pública em 1940 atendendo um convite do governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, para assumir a Prefeitura de Belo Horizonte.

Foi quando conheceu o desconhecido arquiteto Oscar Niemeyer, a quem confiou o planejamento urbanístico do Bairro da Pampulha. Depois de realizar inúmeras obras em Belo Horizonte, candidatou-se ao governo do Estado e derrotou o udenista Gabriel Passos. Em 1954, com a morte de Getúlio Vargas, foi candidato à Presidência da República pela aliança dos partidos Trabalhista Brasileiro (PTB) e Social Democrático (PSD), vencendo a eleição com uma diferença de 500 mil votos sobre o seu adversário, Juarez Távora.

Apesar dessa vantagem, JK só assumiu, segundo historiadores, devido ao movimento militar liderado pelo general Lott, que não aceitou as razões apresentadas pela UDN de que ele, Juscelino, não teria alcançado a maioria absoluta. Durante o seu governo, marcado, entre outras coisas, pelo incentivo à indústria automobilística e construção de Brasília, JK enfrentou uma forte oposição no Senado, além de insurreições em Jacareacanga e Aragarças. Ele anistiou, ao dei-

xar o Palácio do Planalto, todos os militares revoltosos. Um ato seu de romper com o FMI foi "uma farsa", como considera o jornalista capixaba Cloves Geraldo.

Com a implantação do regime de 64, quando foram eliminados as eleições presidenciais previstas para 65, Juscelino se aliou ao presidente deposto João Goulart e a Carlos Lacerda, numa tentativa de organizar uma "Frente Ampla" para combater o que acontecia no País. Em virtude disso, teve seus direitos políticos suspensos. Além de ser obrigado a se manter afastado da vida pública e de ficar por vários anos exilado, JK teve banido seu nome de tudo que se referisse a Brasília até a posse do presidente João Figueiredo, quando sua memória foi reconstituída. JK morreu, em acidente automobilístico, em agosto de 1976.

Em vida, gostava de dançar e lembrava que o rei David dançava e a Bíblia o louva por isso. Juscelino só não dançou quando estava na Presidência, para evitar críticas. Mas contava que quando era governador de Minas recebeu a visita do presidente Getúlio Vargas e os dois foram juntos a São João Del Rey. Havia um baile e Vargas perguntou se Juscelino não ia dançar. JK disse que o presidente é que deveria abrir o baile. "Mas o sr. é que vai me representar", disse Getúlio. Cumprido o compromisso, Getúlio Vargas elogiou Juscelino e pediu que ele não deixasse de dançar, porque isso dava muita popularidade. Resultado, JK ganhou o apelido de "Pé de Valsa".

O presidente ficou conhecido também por seu informalismo. Por exemplo, ele tirava os sapatos em ocasiões solenes e garantia ser, na Presidência, o mesmo homem de antes do poder. Contava que alguns amigos que fez antes de chegar à Presidência ficavam intimidados pela majestade do cargo que ocupava em Brasília e pelo aparato que o cercava. Ao notar isso, ele pedia que as pessoas se despreocupassem: "Também já passei por isso. Não tenham medo de mim".



...na Escola de Aprendizes Marinheiros, em Vila Velha (1960), sendo re-epiciado pelos governadores Lacerda e Lindenberg

NEW YORK NEW YORK

BOITE

MAIS UMA NOVA EMOÇÃO RACINE E SERGIO BEZERRA